



**CENTRO DE HUMANIDADES  
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

**ROSEMERI VERISSIMO SANTANA DA COSTA**

**LEONOR TELES: FLOR DE ALTURA E ALEIVOSA EM DOIS ROMANCES**

**GUARABIRA – PB  
2016**

ROSEMERI VERISSIMO SANTANA DA COSTA

**LEONOR TELES: FLOR DE ALTURA E ALEIVOSA EM DOIS ROMANCES**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, para obtenção do grau de licenciatura em Letras – habilitação em Língua Portuguesa, sob a orientação da Profª Drª Aldinida Medeiros.

**GUARABIRA – PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C8371 Costa, Rosemeri Verissimo Santana da  
Leonor Teles: [manuscrito] : Flor de Altura e Aleivosa em  
dois romances. / Rosemeri Verissimo Santana Da Costa. - 2016.  
45 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Aldinida Medeiros Souza,  
Departamento de LETRAS".

1. Leonor Teles. 2. Protagonistas femininas. 3. Romance  
histórico. 4. Romance histórico tradicional. 5. Romance  
histórico contemporâneo. I. Título. 21. ed. CDD B869.93

ROSEMERI VERISSIMO SANTANA DA COSTA

**LEONOR TELES: FLOR DE ALTURA E ALEIVOSA EM DOIS ROMANCES**

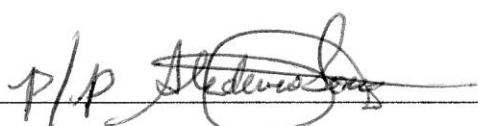
Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba ao curso de Letras – Língua Portuguesa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em letras.

Apresentada em 27 de Outubro de 2016.

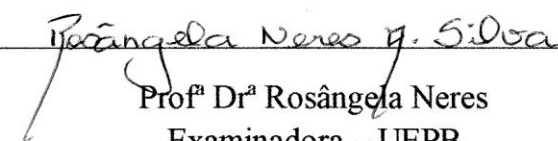
**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aldinida Medeiros  
Orientadora – UEPB



Prof<sup>ª</sup> Ms. Andreia Bezerra de Lima  
Examinadora – UFRPE



Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosângela Neres  
Examinadora – UEPB

## **DEDICATÓRIA**

A minha família, em especial à minha mãe Sandra, por todo o apoio prestado, amor depositado e por sempre acreditar no que faço. À professora Dr<sup>a</sup> Aldinida Medeiros por toda preocupação e orientação, e por me apresentar a Literatura com todos os seus encantos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, que com amor tem me sustentado e me dado forças para a concretização deste sonho. Obrigada por estar sempre tão perto de mim.

A minha família que me educou, amou e direcionou para o bom caminho, me ensinando a trilhá-lo através de meus próprios passos. Em especial, à minha mãe Sandra e à minha tia Maria, pessoas nas quais me espelhei pessoalmente e profissionalmente. A vocês, o meu agradecimento e amor.

Aos meus amigos, Bruno e Priscilla, que sempre me apoiaram e estenderam a mão, que acompanharam os meus passos, e compartilharam tanto os dias felizes quanto os difíceis. Obrigada pela constante demonstração de amizade nas palavras e gestos.

À minha professora e orientadora Dr<sup>a</sup> Aldinida Medeiros pela paciência e orientação. Obrigada pela valiosa contribuição em minha formação pessoal e profissional.

Aos demais professores, funcionários e servidores do Campus III da UEPB que direta ou indiretamente também contribuíram para a minha formação.

Finalmente, a todos que me acompanharam nesta trajetória, que ajudaram e se fizeram presentes. Não seria necessário mencioná-los, pois certamente sabem da minha gratidão. A todos, o meu muito obrigada.

## RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo sobre a personagem Leonor Teles de Meneses em dois romances: *Leonor Teles*, *Flor de Altura* (1916), da autoria de Antero de Figueiredo e *Rosa Brava* (2010) de José Manuel Saraiva; o primeiro denominado romance histórico tradicional e o segundo denominado romance histórico contemporâneo. É nosso intento estabelecer uma leitura comparada entre as duas obras, buscando traços de aproximação e diferença na maneira com que tratam a figura feminina. Sob tal perspectiva, observamos a releitura que o romance faz da História, privilegiando as classes marginalizadas que evoluem da condição de personagens periféricas à condição de protagonistas. Para isto, consideramos as constatações de alguns teóricos como Linda Hutcheon (1991), Marinho (1999) e Esteves (2010) que se dedicaram ao estudo desse gênero e discutem as relações entre História e Literatura. Embora não se trate de uma pesquisa em estudos de gênero, será necessário abordarmos alguns elementos deste universo teórico, bem como trazermos para a discussão os estudos da narratologia que sustentam um escopo sobre a categoria personagem.

**Palavras-chave:** Leonor Teles. Protagonistas femininas. Romance histórico. Romance histórico tradicional. Romance histórico contemporâneo.

## ABSTRACT

This paper presents a study about the fictional character Leonor Teles de Meneses in two novels: *Leonor Teles, Flor de Altura* (1916) written by Antero de Figueiredo and *Rosa Brava* (2010) written by José Manuel Saraiva; the first one named traditional historical novel and the second one named contemporary historical novel. It is our intent to establish a comparative reading between the two novels, looking for similarities and differences in the way they address the female figure. From this perspective, we observe the rereading the novel makes of history, privileging the marginalized classes that evolve the condition of peripheral characters to the condition of the protagonists. For this, we consider the findings of some theorists as Linda Hutcheon (1991), Marinho (1999) and Esteves (2010) who have dedicated themselves to the study of gender and to discuss the relationship between History and Literature. Although this is not a research in gender studies, it will be necessary to approach some elements of this theoretical universe, as well as bringing to the discussion the narratology studies that support a scope on the character category.

**Key-words:** Leonor Teles. Female protagonists. Historical novel. Traditional historical novel. Contemporary historical novel.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 CAPÍTULO I – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE LEONOR TELES.....</b>	<b>11</b>
2.1. Leonor Teles nas crônicas de Fernão Lopes.....	12
2.2. Leonor Teles segundo historiadores do reinado de D. Fernando.....	17
<b>3 CAPÍTULO II – LEONOR TELES NO ROMANCE HISTÓRICO TRADICIONAL.....</b>	<b>23</b>
3.1. Definição de romance histórico tradicional.....	25
3.2. Breves notas sobre a literatura de Antero de Figueiredo.....	28
3.3. Uma flor de altura: perfil neorromântico.....	30
<b>4 CAPÍTULO III – A ROSA TERÁ SIDO BRAVA?.....</b>	<b>33</b>
4.1. O romance histórico contemporâneo como releitura.....	35
4.2. José Manuel Saraiva: romancista contemporâneo.....	38
4.3. A rosa terá sido brava?.....	38
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

*E, por isso mesmo que sobre ela pesava o mysterio,  
a imaginação vinha ahi suprir a historia.*

Alexandre Herculano

## INTRODUÇÃO

A criação literária é de uma pluralidade ímpar, pois, permite-nos conhecer diversas culturas e realidades, bem como revisitar o passado e nos colocar em posição de observação e reflexão sobre este. Por seguirmos este pensamento, contemplamos uma vertente literária que nos leva a rever acontecimentos da história, seja reconstruindo-os ou desconstruindo-os. Assim, neste estudo contemplamos o subgênero que faz um retorno ao passado, relendo-o e convertendo-o em matéria literária: o romance histórico. Revisitar o passado e os percursos históricos por meio do romance histórico implica reconsiderar algumas concepções, desmistificando-as e ressignificando-as, e isso pressupõe que se antes havia a existência de uma verdade tomada como absoluta, ela agora é passível de questionamentos.

Pode-se, a partir disso, inferir que ao romance histórico é dada a contingência de reescrever um determinado fato histórico, aproximando ou criando novas possibilidades à História, não tendo como principal finalidade a reprodução fidedigna dos fatos históricos. Antonio Candido legitima dizendo que “a arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos” (CANDIDO, 2006, p. 62). Diante de tal possibilidade, percebemos que a figura histórica é passível de reconstrução sob os moldes da ficção.

Sendo assim, o gênero literário, indicando a possibilidade de haver outras leituras sobre as verdades cristalizadas, faz uma abordagem crítica em relação à História, que agora se torna escopo de reflexões e alvo de múltiplos olhares. Assim, o romance histórico permite-nos ter contato com a história de pessoas e classes que ficaram à margem da História, a exemplo das mulheres, escravos, negros, judeus, dentre outros. Neste estudo, voltamo-nos para o gênero feminino, representado pela figura histórica de Leonor Teles, agora personagem romanesca nas obras selecionadas para compor o *corpus* desta pesquisa: *Leonor Teles*, *Flor de Altura* (1916) de Antero de Figueiredo e *Rosa Brava* (2010) de José Manuel Saraiva. Interessa-nos mostrar o seu perfil de mulher e condição de personagem em categorias distintas desse gênero: o romance histórico tradicional e o romance histórico contemporâneo.

O romance histórico contemporâneo confere às personagens marginais lugar de destaque, diferentemente do romance histórico tradicional que reproduziu com fidelidade as formas de representação instauradas por Walter Scott, autor que com as obras *Waverley* (1814) e *Ivanhoé* (1819) trouxe grande contribuição para este gênero. Valendo-nos dessa

constatação, a realização desse estudo parte dos seguintes questionamentos, os quais pretendemos responder no decorrer desta pesquisa: a) como a personagem Leonor Teles está inserida no romance histórico tradicional e no romance histórico contemporâneo? b) de que maneira a personagem representa o gênero feminino nos romances?

Considerando que ambas as categorias representam o passado sob suas particulares perspectivas e características, percebemos que a personagem do romance histórico tradicional está em um lugar de menos prestígio em relação à posição que ocupa essa mesma personagem quando inserida num romance contemporâneo. Isso acontece devido à necessidade do romance tradicional disseminar com mais fidelidade o historicismo apurado das fontes históricas utilizadas em sua construção, enquanto o romance contemporâneo inova nesse sentido elevando as personagens periféricas ao *status* de protagonistas.

Por isso, é nosso intento apresentar a forma com que Leonor Teles está representada nos romances, permitindo-nos conhecer a realidade e os desafios das damas da corte, um restrito grupo de mulheres letradas, que ao longo dos séculos lutou para conquistar o seu espaço numa sociedade fortemente marcada pelo patriarcalismo. Por fim, destacar quais elementos na construção da personagem contribuem para a atribuição de determinadas categorias.

Portanto, o cerne desta pesquisa é a figura feminina como protagonista do romance histórico, buscando compreender os novos caminhos para o questionável discurso da História, que nos oferece a oportunidade de olhar sob diferentes perspectivas as classes sociais – em especial as mulheres – que ocuparam por muito tempo um lugar periférico na sociedade, sendo esta última a nossa principal afinidade pela temática, dentre tantas outras possibilidades no vasto universo da literatura.

Para desenvolver nosso estudo, utilizamo-nos de uma metodologia de cunho bibliográfico, e contamos com o seguinte escopo teórico: Linda Hutcheon (1991), George Lukács (1976), Maria de Fátima Marinho (1999), Miguel Puga (2006) e Antônio R. Esteves (2010); sobre estudos de gênero de Michelle Perrot (2008) e Georges Duby (2001); a crítica literária de Antônio Cândido Franco (2006); o estudo da personagem por meio do ensaio de Cristina da Costa Vieira (2008); os estudos historiográficos de José Mattoso (1993), Joaquim Veríssimo Serrão (1990) e Francisco da Fonseca Benevides (2011); as crônicas de Fernão Lopes (2004) e as constatações de Manuel Marques Duarte (2002), entre outros.

Este trabalho será dividido em três capítulos, assim intitulados: 1. Algumas considerações sobre Leonor Teles na historiografia; 2. Leonor Teles no romance histórico tradicional; 3. A rosa terá sido brava?. A opção por esta divisão se deve à necessidade de

primeiramente trazer para este estudo uma visão historiográfica a respeito de Leonor Teles, antes de fazer a análise dos romances, visto que, a abordagem da História a respeito de sua figura histórica oferece subsídios para a construção dos capítulos seguintes, que tomam-no como apoio para a construção analítica. O segundo capítulo se deterá à conceituação do romance histórico tradicional, aliando-a as análises feitas. De igual forma, o terceiro capítulo trará a conceituação do romance histórico contemporâneo, fazendo um contraponto entre este último e o romance tradicional, somando-o às discussões analíticas.

**CAPÍTULO I**  
**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LEONOR TELES NA HISTORIOGRAFIA**

## 2.1. Leonor Teles nas crônicas de Fernão Lopes

Leonor Teles de Meneses, rainha de Portugal por casamento com D. Fernando I, filha de Aldonça de Vasconcelos e Martim Afonso Teles de Meneses foi, enquanto personagem histórica, muito estudada por diversos autores desde a Idade Média até a contemporaneidade. A história desta rainha, contada em diversos gêneros textuais (romances, biografias ou crônicas) desde o século XV continua a interessar o público leitor e inúmeros investigadores. As primeiras informações mais precisas acerca da personagem remontam ao cronista português Fernão Lopes (2004)<sup>1</sup>. Nesta fonte se baseiam grande parte dos demais autores que se destinaram a escrever e estudar a enigmática Leonor Teles. Como destacou Manuel Marques Duarte: “Lopes não tem sido lido, por muitos historiadores com o espírito crítico de qualquer outra fonte, mas como se fosse uma ‘bíblia’” (DUARTE, 2002, p. 32). Decerto, por serem poucas as fontes que com propriedade falam a respeito de Leonor, a apreciável (apesar de pouca) produção de Fernão Lopes oferece subsídios mais consistentes para os romancistas e pesquisadores. É por esta razão que uma grande quantidade de autores, delineia a personagem em seus escritos com muita ou total semelhança ao que Fernão Lopes descreveu em suas crônicas: uma mulher amoral e sem pudor. Nesse contexto, estão inseridos os romances selecionados para a composição deste *corpus*: *Leonor Teles: Flor de Altura*, da autoria de Antero de Figueiredo, e *Rosa Brava*, de José Manuel Saraiva.

A leitura destes dois romances levou-nos a um relevante questionamento: em que medida Fernão Lopes, e conseqüentemente os textos escritos com base nele, reproduzem com fidelidade a Leonor Teles que existiu? Tomando por base o ensaio de Cristina Vieira sobre a personagem romanesca, vemos que “as formas de discurso que reflectem em maior ou menor grau (sobre) os universos sociais e humanos não conseguem escapar a uma marca ideológica, seja esta mais ou menos dominante e patente” (VIEIRA, 2008, p. 345). Dessa maneira, pode-se concluir que as crônicas de Fernão Lopes estão impregnadas de alguma ideologia. Possivelmente estas crônicas se fundamentam no ideário da corte portuguesa, justificado por interesses pessoais. Fernão Lopes como cronista da dinastia, escrevia aquilo que a ela fosse favorável, assim esboçou um estereótipo de rainha perversa e má para possivelmente atribuir

---

<sup>1</sup>Cronista e historiador português. São poucas e imprecisas as informações a respeito de Fernão Lopes, mas sabe-se que, provavelmente, nasceu entre os anos de 1380/90 em Lisboa e faleceu em 1460. Foi guarda-mor da Torre do Tombo e cronista a serviço da dinastia de Avis. Escreveu sobre os importantes reinados da história de Portugal. Parte de sua obra desapareceu, restando apenas as crônicas de D. Pedro, D. Fernando e D. João, dentre as quais interessa-nos em particular a *Crônica de D. Fernando*, texto em que Leonor Teles está inserida, elaborada entre 1437 e 1433.

veracidade ao reinado do Mestre de Avis. Alguns momentos de sua narração correspondem a outras escritas no mesmo tempo histórico, a exemplo das *Crônicas de Ayala* (1780). Desta maneira, podemos inferir que as más condutas de Leonor Teles foram enfatizadas na obra de Lopes.

Os romances do corpus deste trabalho reproduzem muito desta imagem de “maá moolher” que Lopes relatou e por esta razão à personagem romanescas é atribuída a qualidade de vilã:

[...] vilão é toda a personagem que se sobreleva em negatividade ideológica e é alvo da antipatia e da repulsa do leitor. Um vilão é um anti-herói, em termos paradigmático-axiológicos, ou seja, é a figura diametralmente oposta à de um herói modelar, concentrando em si os valores disfóricos de uma sociedade e de uma cultura. (VIEIRA, 2008, p. 427)

Várias são as características presentes nos romances e registros históricos que suscitam no leitor aversão e conferem a Leonor Teles um forte traço de maldade, a exemplo da sua constante avaliação negativa por meio de sua “perigosa” beleza, capaz de seduzir a quem lhe fosse favorável na conquista dos seus mais ambiciosos desejos, assim como sucedeu com o rei Fernando, que:

[...] quando vio dona Lionor em sua casa, louçãa e aposta e de boom corpo, pero que a d’ante ouvesse bem conhecida, por entom mui aficadamente esguardou suas fremosas feiçoões e graça; entanto que leixada toda bem-querença e contentamento que d’outra molher poderia aver, d’esta começou de namorar maravilhosamente; e ferido assi do amor d’ella, em que seu coração de todo era posto, de dia em dia se acrecentava mais sua chagua [...]. (LOPES, 2004, p. 199)

Além da beleza de Leonor Teles, a sua impetuosidade e seu gênio desafiador atrai desprestígio à sua imagem, que se intensifica, de algum modo, em determinados traços da personagem, conforme demonstraremos na análise dos romances. E, por fim, uma mencionada antipatia, tanto nas crônicas quanto nos romances, para com o povo de Portugal, atraindo-lhes obstinadamente como oponentes.

Não obstante, Fernão Lopes já deixara evidências de uma marca misógina em seus escritos. Essa constatação se respalda no que diz Maria Lúcia Perrone de Faro Passos, a respeito da obra do cronista, que para ela é “um desfilar de mulheres que usam seus encantos demoníacos para aconselhar mal os homens e levá-los à desgraça e à perdição [com a exceção de Filipa de Lencastre]” (PASSOS apud DUARTE, 2002, p. 35; acréscimos nossos). As várias descrições que o cronista faz de Leonor Teles confirmam, a exemplo do trecho abaixo:



Esta rainha dona Lionor, ao tempo que a el-rei tomou por molher, era bem manceba em fresca hidade e iguall em grandeza de corpo; avia loução e gracioso gesto e todallas feições do rosto quaaes o direito da fremosfera outorga, tal que nenhuaa por estonce era a Ella semelhavell em bem parecer e dulcidom de falla, sofrendo-nos porém de a prasmal d'alguaas cousas em que nom onesto e muy solltamente fallarom. (LOPES, 2004, p. 227)

Diante do exposto, percebemos que na caracterização de Leonor Teles, feita pelo cronista, é dada ênfase às características negativas da personalidade da protagonista. É dessa maneira que Leonor Teles está inserida nos romances de Antero de Figueiredo e José Manuel Saraiva.

A escrita de Antero sobreleva este lendário caso de amor entre Fernando e Leonor Teles, exaltando qualidades puramente classicistas ao levantar um contraponto entre o amor do rei pela rainha e as dimensões físicas que este amor ocupou em matéria de política e sociedade. Através “da formosura do seu corpo e de todo o requintado valor das suas manhas [...]” (FIGUEIREDO, 1916, p. 15) e sendo a rainha “na dissimulação e na sagacidade, habilíssima, premeditadíssima [...]” (p. 42) teria sido ela responsável pelo fracasso do reino, aliciadora do apaixonado rei, que cedendo vez ao sentimento renunciou as rédeas de um governo pautado pela firmeza de um competente monarca.

Neste sentido, o reinado do *formoso e inconstante*, conforme ficou cognominado D. Fernando, distancia-se completamente do de seu pai e antecessor D. Pedro, *o Cruel*, e depois, *o Justiceiro*:

D. Fernando era em tudo o oposto a um rei medievo: faltava-lhe a violência, a crueldade, a perfídia – admiradas manhas e virtudes com que, nesses refalsados tempos, se conquistavam os homens, se aterravam os povos – se vencia. (FIGUEIREDO, 1916, p. 28)

Mesmo sendo igualmente motivados pelo amor que sentiam, os reis não se assemelharam na maneira de ser rei. Enquanto um agiu com maestria no ato da justiça para com o povo português, sendo “político hábil e previdente [...] sempre privilegiando a paz do reino” (MATTOSO, 1993, p. 490), o outro opôs-se a este mesmo povo, provocando danos e atrocidades irreparáveis ao longo de seu reinado. D. Fernando, mesmo herdando um reino pacífico, economicamente estável e em relações neutras com os outros reinos – herança de D. Pedro – pôs Portugal numa situação desestabilizadora: cenário de guerras, inconstância e negatividade econômica, além da insatisfação do povo português. Em suma, um mau político. Portugal viveu um retrocesso durante seu reinado, conforme Mattoso (1993).

Porém, para o povo português, a situação política de Portugal neste momento é resultado da influência de Leonor Teles. Utilizando-se de sua perspicácia, ao lado do rei articulava este cenário político, viabilizando as melhores alternativas (não para o povo, mas para si) a fim de conseguir o que sempre desejou, desde os tempos em que vivia em Pombeiro: a soberania. Mas, em contrapartida, pode-se considerar que Leonor Teles, por via de seus métodos, fez-se uma mulher de poder e conquistou uma posição de destaque no cenário português do século XV.

Leonor não corresponde ao perfil de mulher que se subjuga aos moldes da sociedade, descrito por Michelle Perrot<sup>2</sup> (2008, p. 16-17), por se destacar pela sua singularidade e particularidade em ser "mulher" num tempo predominantemente marcado pelo patriarcalismo. Esta qualidade afasta-a da gama de mulheres postas à sombra de seus patriarcas e autoridades masculinas e aproxima-a de mulheres como Alienor<sup>3</sup>, rainha de França e Inglaterra situada no contexto histórico do século XII: “[...] mulher livre, dona de seu corpo, desafiando os padres, afrontando a moral dos beatos, porta-estandarte de uma cultura brilhante, alegre e injustamente sufocada [...]” (DUBY, 1995, p. 15). Em sua essência, puramente autônoma.

Tanto Leonor, a de Aquitânia como a de Portugal, assim como outras existentes na cronologia histórica e literária rompem, em sua época, com alguns dos estereótipos de origem tradicional, que se cristalizaram ao longo dos anos até à contemporaneidade: mulheres sem autonomia e que se subjugavam às autoridades masculinas. Sabendo que “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (FRANCO, 2006, p. 28), as personagens fazem referência à condição marginal da mulher na sociedade.

---

<sup>2</sup> Na obra *Minha história das mulheres* (2008) a autora Michelle Perrot elenca importantes questões a respeito da condição da mulher na sociedade, e para isso descreve as mulheres que comumente “atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de cada. [As que] São invisíveis.” (PERROT, 2008, p. 17; acréscimos nossos). É a esse perfil de mulher que não corresponde à conduta da protagonista Leonor Teles.

<sup>3</sup> Alienor foi herdeira do ducado de Aquitânia, uma província que se estende entre Poitiers e Bordeaux. Casou-se aos 13 anos com o rei Luís VII da França em 1137, tornando-se rainha consorte da França. Com a anulação deste seu primeiro matrimônio, ocorrida em 1152, casou-se semanas depois com Henrique II, vindo a ser rainha consorte da Inglaterra. A respeito da ‘rainha dos trovadores’ circulam lendas nas quais seria ela uma mulher amoral, sem pudor e pérfida. Alienor recolheu-se freira em Fontevraud, lugar que em 31 de março de 1204 morreu. (DUBY, 1995, p. 13).

## 2.2. Leonor Teles segundo historiadores do reinado de D. Fernando

Além das crônicas de Fernão Lopes, e com base nelas, diversos historiadores no curso de seus registros também escreveram a respeito da figura histórica, a rainha Leonor Teles. Decerto, sua figura está registrada mais pela sua intromissão no cenário político, que pela sua condição feminina. Ou seja, a sua inserção nos manuais de História, Enciclopédias e estudos historiográficos em geral se deve ao importante momento político de Portugal em que foi protagonista, e não à sua condição de mulher que soube articular o xadrez da política e das intrigas na corte. Pelo contrário, a visão de mulher que se tem a partir da representação de Leonor Teles é uma visão distorcida e repleta de preconceitos. Portanto, é uma visão unilateral a respeito da rainha.

A imagem da “maá molher” ainda permeia o ponto de vista desses historiadores, pois, em diversos registros historiográficos percebem-se as várias referências que são feitas a Leonor Teles se tratando do fracasso pessoal do rei Fernando, bem como do fracasso político-econômico de Portugal. É interessante perceber que D. Fernando é descrito como um rei que dispunha de ótimas condições humanas, financeiras e políticas, para reger Portugal logo no início de seu reinado, em 1367:

Mançebo vallente, ledó, e namorado, amador de molheres, e achegador a ellas. Avia bem composto corpo e de razoada altura, fremoso em parecer e muito vistoso; tal que estando açerca de muitos homens, posto que conhecido nom fosse, logo o julgavam por Rei dos outros. Foi gram criador de fidalgos, e muito companheiro com elles; e era tam amavioso de todollos que com elle viviam, que nom chorava menos por hum seu escudeiro quando morria, como se fosse seu filho. De nenhuum a que bem quisesse podia creer mal que lhe delle fosse dito, mas amava el e todas suas cousas muito de vontade. Era cavallgamte e torneador, grande justador, e lamçador atavollado. Era muito braceiro, que nom achava homem que o mais fosse; cortava muito com huma espada, e remessava bem a cavalo. Amava justiça e era prestador, e graado muito liberal a todos, e grande agasalhador dos estrangeiros. Fez muitas doações de terras aos fidalgos de seu reino, tantas e muitas mais que nenhum Rei antehe fosse. Amou muito seu poboo, e trabalhava de o bem reger; e todallas cousas que por seu serviço e defensom do reino mandava fazer, todas eram fundadas em boa razom e muito justamente hordenadas. Desfalleceo esto quando começou a guerra, e nação outro mundo novo muito contrairo ao primeiro, passados os folgados anos do tempo que reinou seu padre; e veherom depois dobradas tristezas com que muitos chorarom suas desaventuradas mizquindades; que se se contemtara viver em paz, abastado de suas rendas, com grandes e largos tesouros que de seus avoos ficarom, nenhum no mundo vivera mais ledó, nem gastara seus dias em tanto prazer: mas per ventura nom era hordenado de cima [...]. (LOPES apud SERRÃO, 1990, p. 284)

O trecho da Crônica de Lopes muito revela sobre o rei D. Fernando, e mais ainda sobre a figura de Leonor Teles, visto que, num primeiro momento observa-se a descrição de um rei dotado de qualidades, que dispõe de características para ser um sensato regedor. Só após casar-se com Leonor é que o reino de Portugal enfraquece política e economicamente, resultado de um primeiro fracasso pessoal, conforme assevera Joaquim Veríssimo Serrão:

Não soube [D. Fernando], porém, tirar proveito de tão excepcionais condições, praticando uma política contrária aos interesses do povo. Além de se envolver em ruinosas guerras com Castela, foi incapaz de se opor à influência da rainha D. Leonor Teles, que veio a lançar o País numa das maiores crises da sua história. (SERRÃO, 1990, p. 284; acréscimos nossos)

Desta maneira, percebe-se que a culpa dos problemas políticos de Portugal são redirecionados para Leonor Teles. A fraqueza do rei justifica-se no amor que sentia pela rainha, fazendo-se vítima de seus encantos e de sua exuberante beleza. O rei, diante da dita ambiciosa influência de Leonor, pareceu tornar-se um regedor passivo, que não foi capaz de deliberar ações e manter o controle do reino, bem como de seu povo. Ainda, não foi sequer capaz de imaginar o melhor para Portugal e o povo português, renunciando a posição de rei à de um homem apaixonado. Portanto, o seu reino foi fortemente marcado por medidas demagógicas.

Em virtude deste comportamento do rei, e de forma indireta, Leonor foi quem pensou e arquitetou os planos políticos de Portugal, muitas vezes pensando somente em seu próprio benefício, como ambiciosa que foi: “tamanho influência exerceu no espírito do marido que lhe marcou funestamente a vida e não menos os sucessos políticos do tempo [...]” (SERRÃO, 1990, p. 288). Diante da sua influência na administração do rei e conseqüentemente no âmbito político-econômico português, Leonor Teles atraiu o povo de Portugal como inimigo, visto que desde o início não teve o seu apoio no casamento com D. Fernando.

Por essa razão é que a rainha busca aliados na nobreza, conquistando-lhes o apoio, em virtude das suas ambições pessoais. Para isso, utilizou-se de uma estratégia de doação e nomeações, procedendo da seguinte maneira:

[...] dando os ofícios e as fortalezas do Reino a pessoas da sua confiança, cujos bens procurou aumentar, e fomentando a união por consórcio de várias casas senhoriais. Seus irmãos João Afonso e Gonçalo Teles foram nomeados, respectivamente, almirante-mor e senhor de Neiva e de Faria. Por manifesta influência da rainha, surgiram vários títulos condais: o de Viana, para seu irmão D. João; o de Seia, para D. Henrique Manuel, seu cunhado; e o de Arraiolos, para D. Álvaro Pires de Castro. Também colocou nobres da sua confiança à frente dos mestrados de Sant’Iago e de Cristo [...]. Entre estas o direito de prover os cargos de juízes e procuradores que fossem vagando nas vilas e lugares da referida Ordem. (SERRÃO, 1990, p. 290)

É evidente que a política de D. Fernando é influenciada em grande parte pela rainha, de modo que o seu legado em determinados momentos é marcado, entre tantos fatores, pela presença do parentesco de Leonor em importantes cargos políticos. As atitudes de Leonor revelam-lhe um caráter ambicioso, que almejava chegar ao trono de Portugal, e que para isso não “hesitava em perpetrar um crime para chegar aos seus fins.” (BENEVIDES, 2011, p. 155). Por essa razão é que a responsabilidade da morte de sua própria irmã, Maria Teles, está colocada sobre a sua pessoa. Maria Teles, mulher de personalidade completamente diferente da sua, que desde que soube das confidências do rei a respeito de seu amor por sua irmã, não concorreu para a união dos dois.

Os argumentos de Maria Teles eram de que sua irmã era uma mulher casada, e que não estaria disposta a ocupar a posição de amante do rei de Portugal. O não consentimento de Maria Teles em relação à união do rei e de sua irmã Leonor, para ela significava inveja, “[...] pois demais compreendia o que havia de despeito e de rancorosa inveja nas insistências de Maria Teles junto do rei, no sentido de o demover do casamento” (FIGUEIREDO, 1916, p. 51). Por isso, Leonor Teles nutre um sentimento de vingança contra a própria irmã: “O plano da rainha D. Leonor passava por se desembaraçar da sua irmã Maria e do seu cunhado, o infante D. João, e para obter o desejado sucesso urdiu a mais negra trama que se pode imaginar” (BENEVIDES, 2011, p. 161). Desta maneira, fez com que o seu cunhado acreditasse num possível adultério cometido pela sua irmã, o que moveu D. João a

[...] puxar bruscamente a colcha na qual a sua aterrorizada esposa se tinha envolvido, deixou-a quase nua e deu-lhe com a adaga nos peitos, primeiro, e, depois, nas virilhas. A desgraçada Maria exalou gritos horríveis, pedindo misericórdia; e, lançando sangue às golfadas pelas feridas e pela boca, expirou poucos momentos depois. (BENEVIDES, 2011, p. 161)

Leonor Teles fingiu sentir as dores da morte de sua irmã e ordenou que buscassem o assassino, a fim de puni-lo pela tragédia ocorrida. Forçado a se refugiar na Beira, D. João soube que havia cometido grande injustiça, visto que, matou sua própria esposa acreditando nas falsas acusações a seu respeito, advindas dos ambiciosos planos de Leonor. Outra razão que a morte de Maria Teles é atribuída é a de que também ela poderia ser rainha de Portugal, pelo casamento com D. João, concorrendo com sua irmã Leonor. Desta maneira, vendo Leonor nela uma oponente, tramou-lhe a brutal morte. Isso afirmamos com base nas investigações historiográficas de Francisco da Fonseca Benevides em *Rainhas de Portugal* (2011, p. 161).

Dom Fernando teve sua administração altamente prejudicada, em virtude dos seus vícios: as paixões. A imprudência foi tanta que o conde João Fernandes de Andeiro, fidalgo espanhol chamado pelo próprio rei para auxiliar nas negociações políticas, envolveu-se amorosamente com Leonor Teles, estando o rei ainda em vida. Consoante isso, José Mattoso diz que: “Contactou um aliado de há 10 anos, o conde de Andeiro, que se achava exilado na Inglaterra, e por ele fez saber ao duque de Lencastre a sua disposição de atacar de novo o reino castelhano” (MATTOSO, 1993, p. 493). O desejo de conquistar a coroa de Castela colocou o rei diante de incessantes lutas, estimulado e preparado pelo conde de Andeiro e por Leonor Teles, que pretendiam enganar Castela, e igualmente o rei Fernando.

Diante das negociações propostas pelo conde Andeiro e o rei Fernando, o conde de Cambridge veio a Portugal acompanhado de forças militares, momento este em que diversas atrocidades foram cometidas em Portugal. Assim, promoveu-se uma terceira guerra com Castela:

Por esse tempo já haviam começado as escaramuças ao longo da fronteira, sofrendo as tropas portuguesas vários reveses em Elvas e Badajoz. Também a nossa esquadra foi batida no porto de Saltes. Sucedeu, porém, que as forças inglesas cometeram os maiores atropelos em Lisboa, matando e roubando os seus naturais e comportando-se como verdadeiros inimigos. Os que foram enviados para o Alentejo encontraram fechadas as portas dos castelos e, em vez de sustarem os ataques castelhanos, preferiam talar os campos e roubar as populações. Assim sucedeu em Vila Viçosa, Borba, Monsaraz, Redondo, Avis e Évora Monte [...]. (SERRÃO, 1990, p. 291)

É notável que os aliados ingleses não reagiram ao ataque castelhano, mas em contrapartida praticaram um verdadeiro suplício. Diante deste deplorável cenário político, fez-se a paz por meio da negociação do matrimônio da herdeira de Portugal, D. Beatriz, com o novo rei de Castela, D. João I de Castela, assinada em 1383. Já neste momento D. Fernando sentia-se muito debilitado e doente, e sentindo que a morte se aproximava, pediu os sacramentos da Igreja, lamentando-se de suas falhas políticas e chorando as faltas que cometeu. Benevides corrobora:

Fernando I foi um dos mais desgraçados políticos que governaram estes reinos; o seu governo ficou marcado por uma série de aleivosias, vacilações e inconstâncias, todas prejudiciais para Portugal. Não era com essa política que o débil monarca podia realizar, sob o seu ceptro, o seu ambicioso projecto da união de Portugal e Castela. O seu reinado foi desastroso; e, no meio de todas as calamidades que afligiram os portugueses, adejava sempre a rainha Leonor Teles, o anjo mau que dominava o pusilânime monarca. (BENEVIDES, 2011, p. 166)

O acordo de paz, em que D. Beatriz foi dada em casamento à D. João I de Castela, determinava que: “[...] morrendo D. Fernando sem mais filhos nem netos maiores de 14 anos, a sua viúva, D. Leonor Teles, ficaria por regente de Portugal. A regência terminaria logo que uma das circunstâncias anteriores se verificasse” (MATTOSO, 1993, p. 494). Dessa maneira, Leonor encontra caminhos para assumir o trono de Portugal, ainda que na condição de regente, até que um legítimo rei se constituísse.

Após a morte do rei, a regência de Leonor Teles foi fortemente rejeitada pelo povo português, em virtude também de sua aliança com o conde de Andeiro e da desconfiança que tinha o povo em relação ao marido de D. Beatriz, D. João I de Castela. Aliada ao conde Andeiro, em sua regência Leonor usou de poucos escrúpulos para a administração do reino. Estas constatações renderam várias revoluções e protestos do inconformado povo português, o que acentuou a crise e instabilidade no país. Tanto é que, o conde de Andeiro foi assassinado e o rei de Castela invadiu Portugal.

Diante desse cenário iniciou-se uma grande crise dinástica, visto que D. Beatriz estava casada com D. João I de Castela. Dessa maneira, vendo-se sem outras opções, Leonor pediu que o genro invadisse Portugal na tentativa de que ainda se mantivesse na condição de regente. D. João I de Castela, porém, disposto a assumir o reino de Portugal mandou Leonor para o Mosteiro de Tordesilhas. Infrutíferas foram as investidas de D. João para tomar o reino de Portugal, pois tentou duas vezes e foi derrotado. Em sua segunda tentativa, enfrentou em Aljubarrota o mestre de Avis, que o vencendo, proclamou-se o rei D. João I, dando início à segunda dinastia. Leonor Teles, já no Mosteiro de Tordesilhas, “viu-se enclausurada [...], tendo já sido esbulhada da regência de Portugal” (BENEVIDES, 2011, p. 169). Neste lugar, “desprezada e impotente” (p. 170) veio a falecer em 27 de Abril de 1386.

Diante de tais constatações, não é de nosso interesse discutir a veracidade das Crônicas de Lopes, dada à sua pertença ao cânone em virtude das suas pesquisas documentais e por ser o primeiro a registrar a história dos reis. Portanto, cabe-nos questionar os discursos que dele vieram e nele se basearam, a exemplo do discurso historiográfico, visto que o reafirmaram como sendo uma verdade única. Por essa razão, é que nos livros de História<sup>4</sup> percebemos Leonor Teles como sendo uma figura estigmatizada, condenada pela História. A visão única que se tem da rainha descarta um olhar sobre o seu perfil transgressor diante dos moldes da

---

<sup>4</sup> Afirmamos isto com base na leitura dos livros de História que fizemos, e que inclusive serviram de base para a construção deste capítulo. São eles: *História de Portugal* (1990) de Joaquim Veríssimo Serrão; *História de Portugal* (1993) de José Mattoso e *Rainhas de Portugal* (2011) de Francisco da Fonseca Benevides. A este *corpus* aliamos as leituras das Crônicas de Lopes, bem como do romance *Leonor Teles, Flor de Altura* (1916) de Antero de Figueiredo, dada à fidelidade com que escreveu em relação à historiografia.

sociedade em que viveu, visto que fez o que estava ao seu alcance para ser insubmissa ao modelo social feminino vigente.



**CAPÍTULO II**  
**LEONOR TELES NO ROMANCE HISTÓRICO TRADICIONAL**

*A situação histórica é sempre tão confusa, tão apagada, tão manietada por interesses estranhos, com tantas reescrituras posteriores, que só a ficção dum romance pode dar espessura e nitidez ao traço.*

António Cândido Franco

### 3.1. Definição de romance histórico tradicional

Por volta dos séculos XVIII e XIX surgiram os estudos sobre o romance histórico, impulsionados pela publicação das obras *Waverley* (1814) e *Ivanhoé* (1819) de Walter Scott, que inauguraram um novo modelo de expressão literária. George Lukács (1976) elaborou um ensaio de grande importância sobre o gênero, o intitulado *Le Roman Historique*. Desde então, o subgênero tem crescido em termos de produção e despertado o estudo de inúmeros pesquisadores. Wesseling destaca três fases que caracteriza este subgênero. Para ele, existiu “o romance histórico *à la* Scott, a imitação deste com algumas variantes e, por fim, as experimentações modernista e pós-modernista.” (WESSELING apud PUGA, 2006, p. 12). Considerada a expansão do gênero e o percurso apontado por Wesseling, dedicaremos, neste primeiro momento, a tratar do romance histórico tradicional, categoria que primeiro se esboçou a partir do que Walter Scott produziu.

O romance histórico tradicional é o que mais se aproxima em diversos aspectos do romance de Scott, sendo sua reprodução acrescida de poucas variantes. Também, apresenta características assinaladas por Lukács. Desta maneira, faz-se necessário descrever primeiramente algumas características do romance de Scott, bem como das contribuições de Lukács, para a compreensão de como se delineou o romance histórico tradicional a partir das constatações desses autores.

Para Lukács:

No romance histórico (...) trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica. E é uma lei da figuração ficcional (...) que, para evidenciar as motivações sociais e humanas da ação, os acontecimentos mais corriqueiros e superficiais, as mais miúdas relações (...) são mais apropriadas que os grandes dramas monumentais da história mundial. (LUKÁCS, 2011, p. 60).

Diante disso, o teórico assinalou que apesar da escrita histórica de cunho ficcional pertencer à estética do romantismo, ela é anti-romântica, pois se volta para a elevação da burguesia e está relacionada às mudanças na sociedade, na economia e política. Além disso, é anti-romântica pelo fato de fazer alusão ao conhecimento da história da própria nação e do mundo. Assim, percebemos uma característica elementar do romance histórico, que é a necessidade de haver uma fonte historiográfica como base para a construção ficcional.

Scott, por sua vez, dando continuidade ao romance social realista do século XVIII, é considerado pelo próprio Lukács o impulsionador do novo gênero. Os romances de Scott tradicionalmente caracterizam-se pela a) existência de um pano de fundo de caráter histórico; b) narração de um passado distante do presente do romancista; c) existência de um enredo fictício; d) presença de um episódio amoroso, com desfecho feliz ou trágico; e) colocação do enredo fictício em primeiro plano, enquanto os personagens históricos ocupam o segundo plano (RODRÍGUEZ apud BOTOSO, 2010, p. 40-41).

Para Maria de Fátima Marinho, o romance histórico tradicional é “um *gênero híbrido*, na medida em que é próprio da sua essência a conjugação da ficcionalidade inerente ao romance, e de uma certa *verdade*, apanágio do discurso da História” (MARINHO, 1999, p. 02). Desta maneira, compreende-se que o romance histórico tradicional é aquele em que “o romancista [...] escolhe os caminhos da História como a reprodução o mais fiel possível dos factos conhecidos.” (PUGA, 2006, p. 11). Ou seja, a História é o impulso criador do romance histórico. É interessante notar que, apesar do seu cariz fortemente historiográfico, revelando seu caráter verossímil, o romance histórico tradicional não tem a intenção de contar verdades, pois ao autor é dada a plena liberdade de construção ficcional, condição esta também mencionada, dentre outros teóricos, por Marinho (1999) quando diz que:

Espartilhando assim, entre a liberdade de romancista e as limitações do historiador, o autor de romances históricos deverá assumir essa fundamental ambiguidade, visando através da representação de factos objetivos, a respectiva transcendência, ou então, estabelecendo uma relação metafórica com modelos arquetípicos. (MARINHO, 1999, p. 12)

É nesse sentido que se configura a estética híbrida do subgênero, pois perpassa a Literatura e a História sem definir os limites de cada disciplina na construção do romance. Portanto, há uma fusão desses dois universos no enredo da narrativa. Por essa razão, observa-se que o cenário de caráter histórico é composto tanto por personagens e acontecimentos históricos quanto fictícios.

Sob este aspecto, o romance tradicional que compõe o corpus deste trabalho diverge do modelo de Scott no que se refere à inserção dos personagens históricos (referenciais) e fictícios na narrativa, pois, o romance de Antero de Figueiredo coloca a personagem referencial Leonor Teles na condição de protagonista, enquanto no modelo scottiniano os personagens fictícios é que estão em primeiro plano no enredo.

Ainda, nota-se que o romance histórico tradicional, sob a perspectiva de ser o mais pertinente possível à História, dialoga com vários outros textos e discursos, a exemplo dos

antropológicos, filosóficos, geográficos etc, o que lhe confere um caráter interdisciplinar e intertextual. E, além de apresentar elementos intratextuais, quais sejam: a narrativa, as personagens, o enredo, espaço, tempo, etc, o romance histórico tradicional dispõe de elementos paratextuais que muitas vezes justificam, complementam e/ou atestam a historicidade presente no texto, além de auxiliar na interpretação e leitura.

Miguel Puga categoriza os elementos paratextuais a que muitos autores do romance tradicional recorrem na construção de suas obras. São eles: a) notas de rodapé; b) introduções; c) prólogos, prefácios e posfácios; d) notas de editores; e) árvores genealógicas; f) mapas; g) títulos de (sub)capítulos que funcionam como resumo dos mesmos; h) índices e i) cronologia do contexto histórico (PUGA, 2006, p. 32-33).

Na obra de Antero de Figueiredo, pode-se notar a recorrência a alguns dos elementos paratextuais nomeados, pois, escreve um prefácio com a finalidade de esclarecer as relações entre História e Literatura e suas implicações na escrita de seu romance, como se pode constatar:

Todos os historiadores deformam a verdade ao visioná-la através dos seus preconceitos críticos; e tanto mais desviada é essa deformação, quanto maior o seu esforço de encontrar interpretações novas e o de se abalançarem a sínteses concludentes. Mesmo fora da sistematização extrema, ou da maior ou menor relação científica de factos, êste desvio é fatal, pois basta a simples leitura preconcebida de um inocente documento, para logo aí entrar a parte subjectiva do historiador – o seu sentido pessoal – que tudo transporta. Pensou, alterou. (FIGUEIREDO, 1916, p. 11).

Percebe-se que Antero de Figueiredo utiliza-se deste recurso na tentativa de situar o leitor no universo de sua escrita. Além do prefácio, também escreve uma introdução em que descreve o cenário histórico português, os costumes dos homens e mulheres de Portugal, a posição da Igreja e a política na Idade Média:

Nos solares, como nas honras e coutos, a vida que se fazia, nessa segunda metade do século catorze, era tocada dêstes traços comuns, embora houvesse uma tal ou qual morigeração nos costumes, se os compararmos com os dos períodos anteriores. [...]. A Igreja estava ao lado dos tronos, procurando construir a unidade política de acôrdo com a unidade religiosa. (FIGUEIREDO, 1916, p. 36-37).

A recorrência aos mencionados recursos extratextuais evidencia a necessidade de disseminar a versão da História com a maior precisão possível. Assim como coloca Miguel Puga, quando diz que “o narrador deseja legitimar, consciente e abertamente, a história e os registros de acontecimentos representados ao longo da narração” (PUGA, 2006, p. 25).

Entretanto, apesar do forte historicismo presente nos romances tradicionais semelhantes ao modelo de Scott, a exemplo do de Antero de Figueiredo, não se pode dizer que o romance histórico tradicional é uma obra de caráter puramente historiográfico, devido ao hibridismo característico do subgênero.

Ainda, é interessante observar que o romance histórico tradicional é dotado de um caráter didático, pois, com a intensa inserção da História na narrativa, seja por meio do contexto e acontecimentos históricos e/ou personagens referenciais, o leitor passa a ter contato com a história da nação e do mundo, e de forma lúdica adquire conhecimento. O enredo dos romances tradicionais, apesar de fundamentado na historiografia é fictício, pois, o autor mescla as realidades históricas com a ficção, colocando num cenário real personagens e acontecimentos fictícios.

Para a condição de um determinado romance ser considerado histórico tradicional, há a necessidade de o autor narrar um passado distante do seu. Avrom Fleishman aponta que “a distância mínima entre o tempo da escrita e do enunciado [é de] 40 a 60 anos” (FLEISHMAN apud MARINHO, 1999, p. 14; acréscimos nossos). Mas, alguns estudiosos também acreditam que romances escritos num passado muito próximo, por vezes vivenciado pelo próprio autor, podem também ser denominados romances históricos, a exemplo de *Os Cus de Judas* de António Lobo Antunes, *O Cais das Merendas* de Lídia Jorge, entre outros.

A necessidade obrigatória das características aqui discutidas na concepção do que é romance histórico tradicional excluem os romances anteriores a 1814 desta categoria, mesmo que o enredo se passe em tempos longínquos. Isto afirmamos com base no que postula Maria de Fátima Marinho (1999).

### **3.2. Breves notas sobre a literatura de Antero de Figueiredo**

Antero de Figueiredo foi um escritor português que não recebeu o devido reconhecimento de sua produção, pois, muito pouco se conhece de sua vida, bem como de sua produção literária. Para alguns estudiosos, é um autor que caiu no esquecimento coletivo. Por essa razão, esta pesquisa também é uma tentativa de visibilizar brevemente a literatura de Antero, por meio do romance *Leonor Teles: Flor de Altura* (1916) de sua autoria. Além desse, o autor também escreveu os romances *Doida de Amor* (1910), *D. Pedro e D. Inês* (1913),

*Senhora do Amparo* (1920), *Miradouro* (1934) – *Magnum Opus* –, assim como se dedicou à escrita teatral.

A leitura do já mencionado romance possibilitou conhecer o universo literário que nos apresenta o autor português, assim como fez perceber alguns traços estilísticos de sua escrita. A escrita de Antero demonstra, sobretudo, uma necessidade de se voltar para as raízes e origens de Portugal, revelando a paixão que o autor tem pelo país, tanto é que na condição de narrador de um romance histórico, “frequentemente heterodiegético e onisciente, afirma-se, por vezes, como um historiador/investigador e também, até certo ponto, biógrafo que guia o leitor através da História e dos arquivos [...]” (PUGA, 2006, p. 45). Ainda, João Amândio Ribeiro diz que “transparece, na escrita de Antero de Figueiredo, uma enorme ternura por tudo quanto seja português e por tudo quanto diga respeito ao povo” (RIBEIRO, 1987, p. 115-116). Tal constatação se afirma, quando, observando a sua narrativa, percebemos as várias descrições que faz dos cenários portugueses:

O solar estava posto num debruçado outeiro dos vários montes que, irriçando os pendores da serra do Salgueiral, com os de Arganil e Góis, formavam, a sul, os primeiros afastados contrafortes da cordilheira da Estrêla. Tinha à volta terras de lavradio côm de burel, verduras de painçais, vinhedos baixos e oliveiras pardas, em colinas de declive brando, num todo de linhas suaves e de tintas sóbrias e harmoniosas. Era tranquila e grave esta paisagem, nos tons dos verdes escuros da vinha a ligarem-se com os dos castanheiros de copas espessas, com os dos pinheiros bravos de massa verde, mais dura ainda. A norte e a nascente, em fundos distantes, os recortes do Caramulo e a mancha da Estrêla azul e solitária; e ao sul as serras da Lousã e de Penela fechavam êste canto de mesto colorido – terra da Beira Alta, fiel e saudosa, crente e triste, que é a mais portuguesa das paisagens de Portugal. (FIGUEIREDO, 1916, p. 12-13)

O trecho acima descreve o Solar de Pombeiro, lugar em que Leonor Teles viveu durante um considerável tempo de sua vida, na companhia de seu tio, o conde de Barcelos. Percebe-se a sutileza com que o autor descreve o solar, enaltecendo sua paisagem, e ainda caracterizando-a como uma das mais portuguesas paisagens de Portugal. Esta descrição minuciosa das paisagens portuguesas se estende no todo da narrativa, em vários momentos. As personagens, inseridas nestes espaços, e as ações que se desenvolvem neles completam-se na caracterização desses ambientes feitas pelo autor.

Nesta tentativa de retorno as origens portuguesas, é que se consolida o caráter didático do romance histórico tradicional (item 3.1.). Sendo assim, Maria de Fátima Marinho reitera:

Considerando até o «mister de recordar o passado [como] uma espécie de magistratura moral, (...) uma espécie de sacerdócio», Antero de Figueiredo dá voz ao sentir de muitos escritores que desde Herculano se empenham em ensinar,

deleitando, na crença profunda de que a melhor maneira de divulgar os feitos da nação pretérita será transformar em *arte*, passagens históricas mais ou menos conhecidas. (MARINHO, 1999, p. 18)

Consoante a isso, a escrita de Antero que sobreleva sua ternura por Portugal, contempla o povo de seu país. Certamente, não há como demonstrar afeto pelas terras portuguesas, sem o demonstrar pelo seu maior aliado: seu povo português, visto que “escrever é também uma forma de mergulhar na gênese civilizacional” (RIBEIRO, 1987, p. 117). Portanto, a atenção do escritor recai sobre este povo e também sobre os seus costumes. Por isso, justificam-se as referências heroicas que faz ao povo de Portugal, um povo bravo, justo e fiel à sua pátria:

Tal personalidade bronca, mas astuta; bisonha, mas acautelada, - era o povo português, que, sem saber justificar os seus conselhos, tinha a ciência do seu sentir. O instinto acerta, porque adivinha; e adivinhar pelo coração é raciocinar com o sentimento. (FIGUEIREDO, 1916, p. 32-33)

O povo de Portugal foi colocado em toda a narrativa como um povo sábio, que prezava pelo bem de sua pátria acima de todas as coisas e em todas as circunstâncias, mesmo que lhe fosse necessário opor-se ao rei de Portugal e aos seus representantes. Na narrativa, isto se evidencia quando D. Fernando decide casar-se com Leonor Teles. O povo português, insatisfeito com a escolha do monarca que poderia colocar o reino de Portugal em más situações políticas e econômicas, une-se a favor de Portugal, opondo-se as determinações do seu estimado rei, o que gera grande desconforto e instabilidade no país. “O povo, porém, não foi ouvido [...]” (FIGUEIREDO, 1916, p. 33), e talvez por isso, em um determinado momento da narrativa transparece um Portugal decadente.

Além disso, o romance de Antero de Figueiredo revela o domínio que o autor tem das construções linguísticas de seu texto. É um autor que apresenta extremo cuidado e manejo com a linguagem, apresentando-a muito requintada e também policrônica<sup>5</sup>, visto que, ora

---

<sup>5</sup> Embora este estudo não dê conta deste estatuto, tomamos por empréstimo o termo “policrônica” com base no que teorizou Edward T. Hall (1959) a respeito do uso que fazemos do tempo. Para ele, algumas pessoas enxergam o passar do tempo de forma monocrônica e outras de forma policrônica, ou seja, no sistema monocrônico o tempo é fragmentado, cabendo fazer uma coisa por vez dada essa fragmentação. Já no sistema policrônico não há esta compartimentalização do tempo, sendo assim, é possível realizar diversas tarefas ao mesmo tempo. Este estudo está inserido em seu livro *A linguagem silenciosa* (1959): “A monocronia significa fazer uma coisa de cada vez. [...]. Nosso ideal é centrar a atenção primeiramente em uma coisa e depois passar para outra coisa.” (HALL, 1959, p. 179, tradução nossa do inglês). Os termos “monocrônica” e “policrônica” também tecem relações com a concepção de monocromia e policromia das cores. Em termos de linguagem, a monocronia seria então, uma linguagem sem muitas imbricações, enquanto a policronia seria uma linguagem que se manifesta em diversos estilos num mesmo texto. Nesse sentido é que se dá o uso da palavra “policrônica” para esta pesquisa.



expressa-se com formalidade, em tom solene, ora com simplicidade, em que permite visualizar o real. Somado a isso está à religiosidade, revelando-se o escritor um católico fervoroso e convicto ao imprimir esta orientação religiosa em seus escritos, como se percebe nos romances *Fátima* (1936), *Amor Supremo* (1940), *Non Sum Dignus* (1948), entre outros.

### 3.3. Uma flor de altura: perfil neorromântico

Inicialmente, se faz necessário realizar uma breve discussão a respeito do neorromantismo, estética vigente no fim do século XIX e início do século XX. O período neorromântico foi uma manifestação tardia do romantismo, visto que buscou incorporar os seus elementos. Portanto, a retomada das características do período romântico pelo neorromantismo rompeu com a ideia de originalidade própria do romantismo, visto que resgataram as peculiaridades românticas em meio à modernidade.

O romance *Leonor Teles, Flor de Altura* (1916) é considerado uma obra neorromântica, ou seja, “uma revivescência do historicismo de recorte romântico” (SARAIVA, 1996, p. 957). No entanto, além da correlação de datas, visto que o romance é publicado em sua 1ª edição em 1916 e o período do neorromantismo corresponde ao fim do século XIX e início do século XX, a obra é neorromântica sobretudo pela paixão profunda que exprime em relação a um tempo, neste caso o tempo passado da Idade Média em Portugal, o que a caracteriza como romance histórico.

O que se percebe, a partir dos estudos até aqui empreendidos<sup>6</sup> sobre personagens femininas enquanto protagonistas de romances, é que há um redimensionamento dessas mulheres, sobremaneira quando se tratam de figuras históricas reais, a exemplo das protagonistas Isabel de Aragão, Inês de Castro, a Padeira de Aljubarrota, entre outras. Sob esta perspectiva, notamos que Leonor Teles passa por uma refiguração moderada no romance histórico tradicional. Diante disso, nos deteremos a uma análise do perfil neorromântico da personagem em relação à sua inserção no romance da autoria de Antero de Figueiredo.

Leonor Teles sempre pertenceu à linhagem nobre, visto que “havia nas suas veias sangue de reis” (FIGUEIREDO, 1916, p. 3). Desde pequena, sempre se interessou pelos

---

<sup>6</sup> Tomamos como referência os estudos feitos pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aldinida Medeiros, no que diz respeito à categoria da personagem feminina, inserida em romances históricos tradicionais e/ou contemporâneos, em *Entre ficção e história: Isabel, a rainha santa de Portugal* (2013) e outras produções.

assuntos da corte e do reino, o que a moveu durante seu percurso de vida à aspiração por riquezas e poder. De início, casou-se obrigada, como era de costume, com D. João Lourenço da Cunha, morgado de Pombeiro, que também possuía riquezas bens:

[...] e tal casamento, de alto sangue de ambas as partes, não deixou de agradar ao espírito precocemente ambicioso desta donzela, filha de linhagem, que, desde a infância [...] sonhava com grandezas, por ter nascido assim. (FIGUEIREDO, 1916, p. 3)

Percebemos uma ênfase dada pela narrativa ao fato de Leonor casar-se com D. João Lourenço da Cunha por ser este um homem pertencente à nobreza. Apesar disso, até o referido momento da narrativa e apesar de sua precoce ambição, Leonor não era considerada uma “maá moolher”, como asseverou Fernão Lopes em suas crônicas. Tal constatação se fundamenta na ideia de que até então Leonor cumpria com o que a sociedade lhe impunha: aceitou um casamento arranjado por sua família, e inicialmente fez dele uma relação estável. Além do mais, apresentou-se numa boa conduta, apesar de que intimamente já aspirava ao poder real.

Leonor Teles desejava ser rainha. Já insatisfeita com o seu casamento e com a vida comum às mulheres em geral na Idade Média, Leonor passou a fazer frequentes visitas à sua irmã, Maria Teles, que vivia entre a corte. Na intenção de aproximar-se do reino, possivelmente o fazia com a intenção de seduzir o rei Fernando, personagem importante para o seu triunfo pessoal:

Dentro dela, formosa, havia a mocidade robusta, que é o supremo direito de viver, e a quem o mundo pertence. A corte [...]; o rei [...]: eis o sonho furioso desta dona nascida para mandar e dominar, e em cuja alma arde o demônio da ambição, como arde na sua cabeça, estranhamente bela a sarça de uns cabelos ruivos. (FIGUEIREDO, 1916, p. 15)

É interessante notar que Leonor utilizava-se da sensualidade que emanava de si. Georges Duby diz que na Idade Média, para os homens e a sociedade patriarcal como um todo “a mulher é uma criatura essencialmente má por meio da qual o pecado se introduz no mundo, com toda a desordem que nele se vê” (DUBY, 1995, p. 16). Desta maneira, na conduta da protagonista podemos perceber traços de semelhança em relação à concepção acima apontada, visto que toma o seu corpo modelado e suas peculiaridades femininas a seu favor na conquista de seus desejos.

Num outro momento da narrativa a personagem persuade D. Fernando a aceitar a ideia de que é virgem:

— Senhor, estou virgem... O rei pasma e enlouquece. E Leonor, sempre com os olhos castos postos nos tijolos da câmara, conta a histórica complicada do seu forçado casamento, feito por parentes; a diferença de idade do marido; o farto leito comum, honesto como era o seu estreito catre de donzela; a repugnância que semelhante marido lhe causava. (FIGUEIREDO, 1916, p. 57)

Leonor, que já havia consumado o primeiro casamento com D. João Lourenço e que faz D. Fernando acreditar em sua virgindade, revela-se disposta a conquistar o rei por meio de seus próprios artifícios. Diante deste condicionamento faz-se necessário considerar o aspecto da perversidade atribuída à personagem sob a ótica de Kundera (2002: 49) que afirma “[...] que a imaginação do leitor completa automaticamente a do autor.” (KUNDERA apud VIEIRA, 2008, p. 351). O leitor ao debruçar-se sobre o romance aplica também a sua mundividência no ato interpretativo-analítico e integra o processo da atribuição de valor (axiologia) à personagem e à obra. Por essa razão é que a Leonor Teles são atribuídos adjetivos como: aleivosa, pérfida, má, ambiciosa, vilã, entre outros.

**CAPÍTULO III**  
**A ROSA TERÁ SIDO BRAVA?**

*As relações entre a literatura e a história tornam-se fluidas e nem sempre é fácil sabermos com precisão os limites de uma e outra.*

Maria de Fátima Marinho

#### 4.1. O romance histórico contemporâneo como releitura crítica da História

A literatura, no sentido de ficção, e a história, têm origem na linguagem, por isso, as duas ciências apresentam mais pontos de convergência que de divergência. Os discursos literários e historiográficos sempre estiveram muito próximos, e é por essa razão que é difícil encontrar possíveis fronteiras entre elas. A utilização de fatos históricos e personagens históricas na construção literária não é recente, mas, essa fusão se consolidou a partir do surgimento do romance histórico tradicional de essência realista no século XIX. Portanto, ficção e história compartilham do mesmo âmbito de produção – os discursos. Consoante isso, afirma Antônio R. Esteves:

Não se trata, entretanto, de substituir a história pela ficção, mas de possibilitar uma aproximação poética em que todos os pontos de vista, contraditórios mas convergentes, estejam presentes [...]. Segundo este último ponto de vista, [...], a literatura pode ser considerada uma leitura privilegiada dos signos da história. (ESTEVES, 2010, p. 18)

Desta maneira, o romance histórico, particularmente a partir da metade do século XX, vem sendo concebido sob um novo olhar, distinguindo-se daquele modelo scottiniano. Isto porque, nesse mesmo período aconteceram mudanças no âmbito da historiografia, advindas das inovações de alguns historiadores e da *École des Annales*. Sendo assim, o novo romance histórico ganha percepção e ênfase a partir das teorias pós-modernas, que trouxeram à tona discussões a respeito de um passado não finalizado e não cristalizado, mas sim passível de desconstrução. Além dessa, outras características são relevantes durante esse período, tais como: a auto-reflexividade e as múltiplas focalizações que confluem para a relativização da História oficial. Consoante isso, afirma Linda Hutcheon:

A intertextualidade pós-moderna é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto [...]. (HUTCHEON, 1991, p. 157).

Portanto, a ficção recria e reinventa a História, conferindo-lhe novas interpretações e olhares. Desta maneira, a História pode ser matéria para a construção literária, e isso acontece por meio da intertextualidade paródica. Sendo assim, os discursos se fundem e se unificam na produção de interpretações, questionamentos e releituras, portanto, cada um de acordo com as suas peculiaridades.

O estudo de George Lukács, já mencionado (item 3.1.), tornou-se um clássico nos estudos a respeito do romance histórico. Portanto, muitos outros têm se dedicado ao estudo do subgênero, constatando que o romance histórico reconstrói as versões historiográficas dos fatos e figuras históricas, trazendo o passado à tona, desmitificando estigmas. Dessa maneira, se tem uma visão da História sob a perspectiva de um “novo romance histórico”, que ganha mais percepção a partir do pós-modernismo.

Sendo assim, percebe-se que nesta nova construção romanesca há o desejo de reduzir a distância entre o passado histórico e o presente do leitor, com a finalidade de aproximá-los. Ou seja:

[...] discute-se a verdade que pode ser dita por meio de mentiras, ou seja, da ficção. Todos sabemos que os romances mentem, mas é por meio dessa mentira que eles expressam uma curiosa verdade que só pode expressar-se assim dissimulada, encoberta, disfarçada daquilo que não é. (ESTEVEVES, 2010, p. 20)

Nesta perspectiva, nota-se que ao romancista é dada a liberdade de reescrever a História sob sua concepção particular. Por isso, a intertextualidade e a paródia estão intrinsecamente interligadas neste tipo de narrativa. É interessante perceber que no romance histórico tradicional, o modelo de Scott, predominou a colocação do espaço histórico, bem como sua ambientação. Já no romance histórico contemporâneo percebemos uma mudança quanto a isso, visto que há uma múltipla-focalização.

Outro aspecto inerente ao novo romance histórico é a reflexão que provoca por meio de sua narrativa, sendo esta uma das principais características do gênero. Diante desta característica, percebemos que é esta reflexão que proporciona o questionamento e a releitura de discursos cristalizados, como o discurso oficial da História. As novas possibilidades são imaginadas neste campo de reflexão, e é isso que os estudiosos do romance histórico asseveram, justificando que as novas verdades/possibilidades é que dão ao romance contemporâneo uma face pós-moderna. Este caráter reflexivo, conseqüentemente abarca uma flexibilidade de interpretação, o que permite a reflexão sobre a própria história. Linda Hutcheon corrobora dizendo que “reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico” (HUTCHEON, 1991, p. 147). Por essa razão é que o discurso da História, tido como oficial, passa por ressignificações e releituras diante desta nova construção romanesca.

Diante do exposto, é importante saber que Linda Hutcheon utilizou-se do termo “metaficção historiográfica” para designar esta produção romanesca pós-moderna:

Com esse termo, refiro-me àqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos [...] Na maior parte dos trabalhos de crítica sobre o pós-modernismo, é a narrativa – seja na literatura, na história ou na teoria – que tem constituído o principal foco de atenção. A metaficção historiográfica incorpora todos esses três domínios, ou seja, sua autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (metaficção historiográfica) passa a ser base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado. (1991, p. 21-22).

Entretanto, apesar de concordarmos com a denominação de Hutcheon e da ínfima semelhança entre os termos, nos utilizaremos da denominação romance histórico contemporâneo para nos referir ao novo romance histórico, pois, a “metaficção historiográfica” é um conceito mais amplo que abarca outras características, extensivamente discutidas pela autora. Considerando que este trabalho não dá conta deste estatuto, nos limitaremos à denominação romance histórico contemporâneo.

O romance histórico contemporâneo é uma construção fictícia, discursiva e também histórica. Desta maneira, passamos a ter contato com a história dos grupos marginalizados e postos de lado pelo discurso da História. Há, portanto, uma mescla dos grupos sociais. Notamos a presença tanto das minorias, quanto das majorias, das figuras históricas de maior relevância e de menor relevância, das mais privilegiadas às mais estigmatizadas. Todas estas categorias ganham espaço no âmbito da nova criação literária.

Desta maneira, notamos a necessidade do romance histórico contemporâneo suprimir a concepção totalizante dos romances históricos de cunho tradicional, bem como dos próprios discursos tradicionais. As produções contemporâneas se opõem à reprodução fiel da História, característica dos romances históricos tradicionais, mas, tomam-na como pano de fundo para a criação ficcional e a questionam.

#### **4.2. José Manuel Saraiva: romancista contemporâneo**

José Manuel Saraiva nasceu em 1946. Estudou em Coimbra e destinou-se à carreira profissional no jornalismo. Por isso, fez parte de importantes produções, como *O Diário*, *Diário de Lisboa*, *Grande Reportagem e Expresso*. Diante disso, sua primeira produção no âmbito da literatura foi em 2001 quando escreveu e publicou o romance *As Lágrimas de Aquiles* (2001). Após sua primeira incursão, continuou a produzir outras obras literárias, a



exemplo de *Aos Olhos de Deus* (2008), *A Terra Toda* (2011), *A Última Carta de Carlota Joaquina* (2014) e *Rosa Brava* (2005), esta última compo o nosso *corpus* de pesquisa.

O autor é um contemporâneo, e dedicou algumas de suas produções às investigações históricas. Ou seja, José Manuel Saraiva produziu romances históricos contemporâneos. Tanto *Rosa Brava* (2010) quanto *Aos olhos de Deus* (2008) se inserem nesta categoria. Devido a essas duas referidas produções, consagrou-se como um dos mais populares escritores contemporâneos portugueses.

*Rosa Brava*, sendo uma produção que reescreve a história da rainha Leonor Teles, caracteriza-se pela investigação histórica do autor e jornalista. Na obra, utiliza-se de linguagem simples, porém forte, envolvente e com tom poético para recontar o percurso de vida de uma das personagens mais enigmáticas da História portuguesa: a já mencionada Leonor Teles.

Ao longo das páginas, o autor, na sutileza de sua escrita envolve-nos na trama narrativa desenvolvida. Além de um romance, percebemos que o livro soma às discussões aqui já feitas, no sentido de que completa as investigações particulares do autor por meio da ficção, visto que ressignifica a figura histórica Leonor, apontando outras possibilidades e verdades para o discurso oficial da História, relativizando-o.

### 4.3. A rosa terá sido brava?

Diante do exposto ao longo deste capítulo, notamos que o romance histórico contemporâneo *Rosa Brava* (2005) ressignifica e redimensiona a figura da rainha Leonor Teles, bem como a sua história. Nesta perspectiva, podemos observar algumas características da personagem no romance contemporâneo em análise que divergem da personagem inserida na construção tradicional. Sabendo que o romance histórico tradicional *Leonor Teles, Flor de Altura* (1916) reproduziu com fidelidade os discursos históricos e as crônicas de Lopes, podemos considerar que nessas construções romanescas vemos muito ou boa parte da caracterização de “maá moolher” da personagem. Afirmamos isso com base na leitura do romance tradicional que compõe o nosso *corpus*, bem como na leitura de outros textos<sup>7</sup> que complementaram as nossas constatações.

---

<sup>7</sup> Textos mencionados nas referências deste trabalho. A título de exemplo, tomamos como referência os textos historiográficos de Joaquim Veríssimo Serrão em *História de Portugal* (1990), de José Mattoso em *História de*

Sendo assim, percebemos a diferente focalização que o romance contemporâneo dá à personagem Leonor Teles. Num primeiro momento da narrativa, verificamos que Leonor não se casa com D. João Lourenço da Cunha por vontade própria, ainda que fosse ele um homem pertencente a uma privilegiada camada social. Em suas confissões à Briolanja, aia da protagonista, revela-lhe:

Dizia-te eu que abomino João Lourenço não tanto por me ter sido imposto pelo senhor conde, meu tio, nem sequer pela sua desagradável feição e o grosseiro porte, mas principalmente por ver nesse reles fidalgo a incapacidade de recensar dois ou três actos de valentia que tanto nos seduzem, a nós, mulheres. Disseram-me aqui mesmo [...] que João Lourenço é um homem habituado unicamente ao consolo das amantes e ao regalo de outras mulheres de estimação duvidosa. Assim sendo, como posso eu partilhar a cama com um demónio desses? [...] Como posso eu partilhar o meu corpo com um fidalgo rico de bens, é certo, mas pobre de sentimentos? (SARAIVA, 2010, p. 8).

E ainda:

Sabes, Briolanja, quero casar, sim, mas com um homem que eu ame e me queira amar. Já conheci alguns na minha vida; poucos, é verdade, e tu melhor que ninguém o sabes. Mas por motivos vários, que agora não vêm ao caso, não consegui alcançá-los. Ou melhor, o senhor conde, meu estimado tio, não me deixou alcançá-los. (SARAIVA, 2010, p. 9).

A leitura destes excertos mostra-nos que o romance destaca características que confluem para a negatização da figura de Dom João Lourenço da Cunha, talvez na intenção de justificar a contra vontade de Leonor em unir-se a ele:

João Lourenço da Cunha, assim se chamava o futuro marido de Leonor Teles, era um homem pouco mais velho do que ela, de figura medíocre, estatura abaixo da média, volumoso de rosto e de tronco, ambos assimétricos, de cabelo negro, quase sempre desalinhado, e com a pele muito morena. Mas pior que o aspecto físico do fidalgo, que até às putas beirãs e transmontanãs chegava a suscitar nojo e desconforto, eram a estupidez e a cobardia que ela [Leonor Teles] mais detestava nele. (SARAIVA, 2010, p. 6; acréscimos nossos)

É notável que no romance contemporâneo Leonor Teles ganha maior percepção também no que se refere aos seus pensamentos e sentimentos. O narrador é conhecedor do subjetivo da personagem, e isso contribui para o melhor entendimento das atitudes da protagonista, sobretudo daquelas que a fizeram ser considerada como uma mulher má.

A inserção da figura de Briolanja nesta narrativa é muito importante, pois, serve-se como consciência da própria Leonor. Seria ela a consciência que talvez ela não tinha, visto que a protagonista sempre buscava Briolanja quando precisava conversar a respeito de alguma decisão, e/ou confessar-lhe o que se passava consigo. A presença de Briolanja faz com que conheçamos ainda melhor a protagonista, numa construção livre dos moldes romanescos de cunho tradicional.

O romance de José Manuel Saraiva, apesar de contemporâneo, fundamenta-se na historiografia e por essa razão dialoga com outros textos, a exemplo das crônicas de Fernão Lopes. Na narrativa, notamos a presença da intertextualidade que se coloca em paralelo à composição fictícia, tecendo importantes imbricações. No pano de fundo de cunho histórico é que se insere a personagem Leonor sob a perspectiva da ressignificação, o que confluí para a releitura da História, revelando-lhe outras possibilidades.

O romance histórico contemporâneo, portanto, envolve a protagonista em novos moldes, apontando outras versões que poderiam ter sido ou que poderiam ter acontecido, e que somente chegariam a nós por meio da narrativa literária. Por essa razão é que podemos considerar que apesar da negatividade que circunda a personagem, Leonor fez-se uma mulher de poder.

Diante da autoridade de seu tio D. João Afonso Telo, a protagonista insistiu em fazer aquilo que desejava, o que a moveu para o casamento com D. Fernando, desfazendo-se do casamento com o morgado de Pombeiro, união arranjada pelo seu tio D. João Afonso Telo. A personagem apresenta uma personalidade forte, sobretudo em relação aos seus desejos, pois mesmo diante de uma sociedade dominadora, encontrava maneiras de realizá-los. São notáveis as menções no romance sobre os frequentes enlances amorosos de Leonor. A título de exemplo destacamos o momento em que Briolanja flagrou-a com o seu próprio irmão Gonçalo Telo de Meneses:

Foi numa noite de trovoadas, como não havia memória em Barcelos, que Briolanja inadvertidamente encontrou os dois irmãos enfiados na cama da rapariga. Estavam nus, ela por cima, ele por baixo, numa audácia que deixou a velha petrificada junto à porta da câmara, aberta de par em par pelo estrondo dos trovões ou assim deixada por descuido do rapaz. Mas ainda que a envoltória física entre irmãos fosse razoavelmente tolerada pela Igreja e vagamente admitida pela sociedade, Leonor Teles teria preferido, ainda assim, ser descoberta naquele propósito com um servo, facto bem mais desonroso, a sê-lo com o próprio irmão. (SARAIVA, 2010, p. 12)

A partir do trecho notamos a ousadia da protagonista em realizar os seus desejos, por mais audaciosos que fossem, se tratando de um caso de incesto. Podemos ainda destacar este

outro envolvimento amoroso de Leonor com Guilherme de Vasconcelos, um cavaleiro de Mogadouro:

Ao convocar a lembrança do jovem, Leonor fez desprender um tímido sorriso não só pela festa de felicidade que [...] ele lhe proporcionara, mas também por, estranhamente, não se recordar de nada sobre o que ambos disseram na hora única do primeiro encontro. Sabia descrever-lhe a imagem, sabia como o rapaz estava vestido, mas não tinha nenhuma ideia acerca do que ele lhe terá dito e ela lhe dissera. Desse tempo quase perfeito guardava, porém, a recordação admirável do momento em que se ofereceu a Guilherme de Vasconcelos no quinto dia da sua estada em casa do conde. Foi no palheiro, situado a pequena distância da zona da cozinha, do celeiro e dos currais, que os dois jovens se entregaram ao fim de uma tarde quente de verão. (SARAIVA, 2010, p. 14)

Diante das suas investidas amorosas, a protagonista demonstrou autonomia de sexualidade, pois se entregou a quem bem quis, cedendo aos seus desejos pessoais. Sabendo que a sociedade atual ainda demonstra preconceito em relação às mulheres que expressam sua sexualidade, certamente na Idade Média havia uma resistência mais enraizada, e diante disso Leonor foi dona de seu corpo e de sua sexualidade.

Leonor Teles foi uma mulher de poder, pois, conhecendo as restrições de um momento histórico fortemente marcado pelo patriarcalismo e dominação masculina, Leonor chegou a ser rainha regente de Portugal, realizando à sua mais profunda aspiração. Foi, sem dúvidas, uma transgressora, visto que também esteve sob a dominação de seu tio D. João Afonso Telo e de seu primeiro marido D. João Lourenço da Cunha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, realizamos um estudo sobre o romance histórico tradicional e contemporâneo, que reescreveram o passado sob as especificidades de cada subgênero. Observar a protagonista Leonor Teles sob a perspectiva dos dois romances *Leonor Teles*, *Flor de Altura* (1916) e *Rosa Brava* (2011) permitiu-nos perceber a forma com que a personagem está inserida em cada construção romanesca e a configuração que cada uma dá a essa personagem. Através dos romances e da personagem, pudemos compreender e esclarecer um pouco das relações entre Literatura e História.

A representação da personagem através da estética dos romances históricos mencionados revelou outras possibilidades da História que antes não podíamos ver, bem como aspectos do período histórico em que viveu Leonor. Além disso, possibilitou-nos tecer considerações a respeito da própria personagem, inserida em duas diferentes construções romanescas. No romance tradicional, Leonor é reproduzida como a “maá moolher” que Fernão Lopes escreveu. No contemporâneo, percebemos o redimensionamento pelo qual passa a figura histórica, visto que em diversos aspectos se difere da Leonor do romance tradicional.

Observar a protagonista feminina nesta ficção nos faz compreender que é possível reler a História, pois o que o romance histórico busca, ao redimensionar uma figura como Leonor, é reescrever o passado dentro de um novo contexto, e inserir no mesmo campo discursivo a história e a ficção, a fim de desviar a ficção da categoria de marginalização. Este novo modo de perceber a História nos permite estar em contato com diferentes versões da historiografia, e não mais uma verdade absoluta e inquestionável.

A partir desta compreensão, percebemos que Leonor Teles apesar de apresentar negatividade axiológica, representa um ideal de mulher que transgride os padrões da sociedade portuguesa no contexto histórico em que esteve inserida. Michelle Perrot (1998, p. 78) corrobora dizendo que: “A idéia de que a natureza das mulheres as destine ao silêncio e à obscuridade está profundamente arraigada em nossas culturas.”. Em Leonor, podemos leitor enxergar uma figura feminina que se auto-estabeleceu enquanto mulher, numa sociedade em que o cenário era de repressão feminina, notadamente expressa pela figura de seu tio, o conde D. João Afonso Telo e seu primeiro marido João Lourenço.

Diante disso, a protagonista que nos é apresentada, embora ciente de sua limitada condição feminina, utiliza-se de sua inteligência e beleza para alcançar tudo o que almejava, o que lhe confere um lugar privilegiado na sociedade portuguesa em que viveu. Sendo assim, do

romance histórico tradicional ao contemporâneo percebemos que há uma inversão na significação das personagens femininas, ganhando Leonor Teles maior destaque e percepção nesta última construção. Esta inversão acontece devido à necessidade de o romance histórico contemporâneo mostrar outra versão da historiografia, esta não contada na versão oficial.

## REFERÊNCIAS

- BENEVIDES, Francisco da Fonseca. *Rainhas de Portugal*. Portugal: Marcador, 2011, 1ª ed.
- BOTOSO, Altamir. *Romance histórico e pós-modernidade*. In: *Revista de Letras*. Universidade Católica da Brasília: 2010, vol. 3.
- DUARTE, Manuel Marques. *Leonor Teles*. Porto: Campo das Letras, 2002. 1ª ed.
- DUBY, Georges. *Eva e os Padres*. Damas do século XII. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ESTEVES, Antônio R. O romance histórico: origem e percurso. In.: \_\_\_\_\_. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- FRANCO, António Cândido. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2006, 9ª ed.
- FIGUEIREDO, Antero de. *Leonor Teles – Flor de Altura*. Lisboa: Livraria Bertrand. 1916, 8ª ed.
- HALL, Edward. *Time talks: American accents*. In: *The silent language*. Nova Iorque: Doubleday, 1959.
- HUCTHEON, Linda. Metaficção historiográfica: “o passatempo do tempo passado”. In: \_\_\_\_\_. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991, p. 141-162.
- \_\_\_\_\_. A intertextualidade, a paródia e os discursos da História. In: HUCTHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991, p. 163-182.
- LOPES, Fernão. *Crónica de D. Fernando*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2004.
- LUKÁCS, George. *O romance histórico*. Tradução de Ruben Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011. pp. 135-136.
- MARINHO, Maria de Fátima. *O romance histórico em Portugal*. Porto: Campos das Letras, 1999.

MATTOSO, José. *História de Portugal*. Círculo de Leitores, 1993. 1ª ed., 2º vol.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Editora contexto, 2008.

PUGA, Rogério Miguel. *O Essencial Sobre o Romance Histórico*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006.

RIBEIRO, Rejane de Almeida. *Aspectos dos romances históricos tradicional e pós-moderno*. Scientia FAER: Olímpia – SP, 2009. Ano 1, volume 1, 2º semestre.

SARAIVA, José Manuel. *Rosa Brava*. Portugal: Leya Bis, 2010, 10ª ed.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Lisboa: Verbo, 2001, 6ª ed.

VIEIRA, Cristina da Costa. *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*. Lisboa: Edições Colibri, 2008.